



# A boa saúde do jazz português ausculta-se no São Luiz

A Festa do Jazz continua a funcionar como montra do jazz que se produz em Portugal e a tentar colocar em discussão de onde vem e para onde vai esta música, a partir da criação de um espírito de comunidade

## Música Gonçalo Frota

Cumprir-se com esta Festa do Jazz a 15.ª edição de um acontecimento que se tornou essencial no calendário anual do jazz português, um momento de encontro entre a comunidade e da celebração de uma presença cada vez mais sólida na música nacional. Com a passagem dos anos, torna-se não apenas evidente uma qualidade crescente dos executantes mas também uma diversidade de linguagens entusiasmante, libertando-se dos mandamentos académicos. Passou também tempo suficiente para ser possível testemunhar a evolução e afirmação de jovens talentos, cujas primeiras passagens pela Festa se fizeram integradas nos combos das escolas, ainda a dar os primeiros passos de uma carreira pública, e que nos casos mais fulgurantes encontramos já a liderar os seus próprios projectos e a partilhar o palco principal do Teatro São Luiz, em Lisboa, de hoje a domingo, com os seus heróis.

No programa de domingo, dois concertos são prova da vitalidade e da amplitude de propostas que o jazz português hoje comporta. O pianista Luís Barrigas (18h30) apresenta o álbum *Songs with and without Words*, de forte cunho melódico, e a Lisbon Freedom Unit (19h30) junta um autêntico supergrupo da música mais exploratória que o género pode oferecer.

### As canções de Barrigas

Inspirado por uma ideia que não seria novidade para Mendelssohn na música romântica ou por Fred Hersch no jazz, Luís Barrigas começou por abordar o seu segundo álbum enquanto líder compondo peças para piano a que pensou chamar “canções sem palavras”. Aos poucos, no entanto, algum desse material começou a pedir-lhe letras, e decidiu juntar à sua composição a “grande paixão” de adolescência pela poesia, que não perdeu fulgor desde essa altura. Experimentou então juntar palavras a alguns dos temas, de onde nasceu a ideia fundamental do



A Lisbon Freedom Unit, nove “tipos intensos”, vão actuar no domingo

“  
As canções obedecem a um conceito em que a melodia é preponderante, mais orelhuda

Luís Barrigas

Músico



seu *Songs with and without Words*.

O trabalho que o pianista tinha já anteriormente desenvolvido com as cantoras Sofia Vitória e Guida de Palma ajudou a dar substância a esta ideia. Se, num primeiro momento e quando ainda imaginava um disco inteiramente instrumental, chegou a pensar em música que incluiria um quarteto de saxofones, a inclusão de texto cantado transformou esse desejo num ensemble que conta com dois saxofones (Desidério Lázaro e João Capinha) e as duas cantoras (que tanto assumem as letras como utilizam as vozes como instrumentos de sopro).

Não respeitando com rigor aquela que é a estrutura convencional de canção, as composições de Barrigas tanto evocam o universo do *lied* no canto lírico quanto os *standards* de jazz e, em particular, um traço do jazz com assinatura portuguesa. “As canções obedecem a um conceito em que a melodia é preponderante, mais ore-

lhuda”, reconhece, “e em que se sentem correntes que têm que ver com as pessoas com quem estudei, como o João Paulo Esteves da Silva e o Mário Laginha, assim como com o Bernardo Sassetti.” Através de Sassetti, diz, chegou também ao compositor catalão Federico Mompou, cuja sombra se faz sentir também neste reportório. A Satie foi buscar também a ideia para *Esoteric*, a Messiaen pediu emprestada a densidade de *No Song at All*.

“O disco está cheio de influências e de homenagens”, reconhece, desde músicos a viagens, encontros e pintura. O impressionismo de Monet, por exemplo, deixa na sua criação uma marca tão forte quanto a mais profunda das suas referências puramente musicais.

### A liberdade lisboeta

A fermentar há muito na cabeça do guitarrista Luís Lopes, a Lisbon Freedom Unit (LFU) nasceu no final de 2015 para juntar numa só formação muitos dos mais inquietos intérpre-

tes da música improvisada e exploratória da cena lisboeta. São nove “tipos intensos” (Lopes, Rodrigo Amado, Rodrigo Pinheiro, Ricardo Jacinto, Pedro Sousa, Gabriel Ferrandini, Hernâni Faustino, Pedro Lopes e Bruno Parrinha), de diferentes gerações, que encontram neste projecto uma espécie de montra alargada do que significa esta música numa cidade como Lisboa – à semelhança do que acontece com formações análogas que “dão a cara” por localidades europeias de firme implantação no jazz vanguardista.

Embora o rastilho tenha sido aceito por Luís Lopes, o maior chamarriz (e também a sua dificuldade mais presente) da LFU reside no facto de reclamar uma verdadeira identidade colectiva, em que todos contam e não há um líder óbvio. Tanto assim que, para “colar” as várias personalidades, Lopes lançou como primeiro mote o livro *O Elogio da Loucura*, de Erasmo. “Somos todos muito intensos”, defende. “E o livro, que é incrível e foi muito importante para mim, embora escrito há muito tempo, tem que ver com este tipo de situações.” Essa loucura auto-identificada, e acarinhada como uma característica que nada carrega de negativo, ficou de tal forma associada à semana que marcou o nascimento da LFU que, de vez em quando, Lopes tem de responder à pergunta “Então os malucos? Como é que está isso?”.

Não está mais avançado porque o resultado dessa semana inaugural, com concertos na Zé dos Bois e na Sociedade Musical União Paredense, e dois dias de estúdio, esteve em apurada reflexão e selecção de material durante 2016. “Precisámos de algum distanciamento para avaliar a música que gravámos na altura”, diz o guitarrista. “E então fizemos uns jantares em minha casa, em que ouvíamos a música, tirávamos apontamentos, escolhíamos, para tentarmos criar uma conformidade.” Desse processo resultou a escolha de 70 minutos que, a qualquer momento, poderão ver a luz do dia como disco de estreia do projecto. Até lá, a melhor oportunidade de conhecer esta liberdade de nove cabeças é mesmo dar um pulo até ao São Luiz, no domingo.